

ainda o Sybarita Romano, que sem ter imediata relação com o fato social brasileiro é escrito na intenção de servir ao combate contra o escravismo no mundo.

De 1866 data a concepção e comêço de execução de A Cachoeira de Paulo Afonso, primeira parte do poema Os Escravos. E' também do comêço desse ano a sua iniciativa prática da fundação de uma sociedade ~~XXXXXXXX~~ abolicionista em Pernambuco.

Em 1867 é continuada A Cachoeira, começado, acabado e representado o drama Gonzaga, em cujo entrecho abriu espaço ao abolicionismo, tornando, como observou Machado de Assis, "mais odiosa a situação do escravo pela luta entre a natureza e o fato social, entre a lei e o coração." A sua correspondência particular com Augusto Guimarães (carta de Setembro de 1867) acusa o mesmo pensamento que lhe inspirava as obras. "Dizes-me que estás escrevendo. Bem. E' preciso fazermos a nossa cruzada". E anunciando ao amigo sua partida para o Rio: "Vou publicar Os Escravos e o Gonzaga.

Em 1868, em S. Paulo, quando Sylvio Romero, supunha que a fôrça do poeta havia decrescido, Castro Alves produzia A mãe do cativo, O pássaro e a flôr, Manuela e Lucia - reminiscências da vida na fazenda e arredores de Cabaceiras. E mais: querendo reconstruir, na galeria dos Escravos, o poema cíclico da escravidão, compoz as duas obras que, no consense geral da crítica, são as jóias mais preciosas da sua poesia objetiva: o Navio Negreiro e as Vozes d'Africa. Em virtude de leis e convenções internacionais, largo tempo fraudadas pelo contrabando, já o tráfico da escravos se achava virtualmente extinto. Mas eram bem vivas ainda as recordações daquele comércio e nelas, tanto quanto nas deplorações da África - "pasto do universo" - muito havia com

que comover a alma nacional e suscitar-lhe uma revolução que nascia como todas as revoluções, da poesia. Pois a poesia já o disse Jaleux em seu livro "Pour la Poesie: não é um pobre recurso negativo, um sinal de impotência e de renúncia. Ela é gesto. Gesto cujo encanto é ação, ato de comunhão, drama da consciência humana, testemunho, fraternidade, comunhão, libertação.

Ainda de S. Paulo escrevia o Castro para a Baía, no mez de Abril, a Augusto Guimarães: "Devo dizer-te que os meus Escravos estão quasi prontos. Sabes como acaba o poema? Devo a S. Paulo esta inspiração. Acaba no alto da serra de Cubatão, ao romper da alvorada sôbre a América, enquanto a estrela da manhã (lágrima de Cristo pelos cativos) se apaga pouco a pouco no ocidente. E' um canto do futuro. O canto da esperança."

O ano de 1869 passou-e Castro Alves padecendo repetidas operações cirúrgicas, torturado ~~max~~ de dores, lentamente queimado pela tísica, que, dentro de dezoito mezes, devia matá-lo. Mas apenas convalescente e restituído ao lar, ei-lo de novo ao tom da "musa liberrima", querelando contra os governos e partidos que não marchavam pelo ritmo vertiginoso da sua impaciência.

Ainda em 1870 ele planeou, mas não pôde escrever, o poema histórico-dramático A República dos Palmares. No sertão baiano, respirando os ares da serra e da mata, buscava recebrar o alento que lhe ia faltando aos pulmões.

Se não é duvidoso que à musa da liberdade ele desse a mais extensa quadra da sua vida, não o é tampouco que lhe votasse a maior dedicação de que houve exemplo. Joaquim Nabuco, em escrito de 1873, apresentava-o por esse aspeto como modelo à mocidade. "Seu maior título é o de ter posto seu talento ao serviço da causa